

**NHÔ GUIMARÃES NAS VEREDAS DA MEMÓRIA:  
RECORDAÇÕES DE UMA NARRADORA SERTANEJA**

**NHÔ GUIMARÃES IN THE PATHS OF THE MEMORY:  
MEMORIES OF A NARRATOR FROM THE BACKLANDS**

Normeide da Silva Rios (UNIASSELVI)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O romance *Nhô Guimarães*, de Aleilton Fonseca, é uma homenagem a Guimarães Rosa, conforme indicação na capa do livro. A narrativa é construída a partir das lembranças e recordações de uma narradora sertaneja octogenária que, por meio da linguagem oral, presentifica o passado. A partir de reflexões sobre o papel da memória, busca-se fazer uma análise do sertão como “lugar da memória”, termo criado por Pierre Nora, e das lembranças de velhos como perpetuadoras da história, estabelecendo um diálogo com a obra *Memória e sociedade*, de Ecléa Bosi.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; Sertão; Lugar da memória.

**ABSTRACT:** The novel *Nhô Guimarães*, by Aleilton Fonseca, it is a tribute to Guimarães Rosa, according to indication in the cape of the book. The narrative is built from the memories and memories of an eighty-year-old narrator from the backwoods that, through the oral language, brings to the present time facts of the past. From reflections on the paper of the memory, it is looked to do an analysis of the backwoods like “place of memory”, term created by Pierre Nora, and of the memories of old men eat perpetuadoras of the history, establishing a dialog with the work *Memory and society*, by Ecléa Bosi.

**KEY WORDS:** Memory; Hinterland; Place of memory.

E me cerro, aqui, mire e veja. Isto não é o de um  
relatar passagens de sua vida, em toda admiração.  
Conto o que fui e vi, no levantar do dia. Auroras.

(João Guimarães Rosa)

Para o estudioso francês Pierre Nora (1993: 22), a memória sofreu uma mudança, não é mais espontânea, vivida, auto-referente, o que determinou a criação de “lugares da memória” que “são fundamentalmente vestígios do passado, as últimas encarnações de uma consciência da memória que sobrevive numa época histórica que não recorre à memória, pois a abandonou”. Diante da possibilidade de desaparecimento da memória vivida e sentida, e também do desaparecimento da geração que pode narrá-la, criam-se espaços onde a memória seja preservada, lugares nos três sentidos da palavra, “material, simbólico e funcional”, de modo que desde museus e até mesmo arquivos, manuais escolares e atos solenes se constituem “lugares da memória”.

Entretanto, “tem que haver uma vontade de lembrar. Se abandonamos este critério, rapidamente seríamos levados a admitir que virtualmente, tudo vale a pena de ser lembrado” (Nora 1993: 28). Sendo seletiva, o próprio processo de memória realiza um duplo movimento: o da rememoração, da lembrança e o do esquecimento, da perda.

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. Professora-tutora Externa da UNIASSELVI. Contato: [normeiderios@yahoo.com.br](mailto:normeiderios@yahoo.com.br).

Os atos de lembrar e esquecer são funções da memória. Não se pode querer guardar tudo, reter as lembranças de todos os acontecimentos. Como diz Lucia Castello Branco (1994: 63), “é preciso esquecer para lembrar”.

Para Nora (1993: 18), as comunidades rurais são o “repositório essencial da memória coletiva”, comunidades-memória por excelência. Gilmar Arruda (2000: 62), fundamentado pelos estudos de Nora, aponta o sertão como lugar da memória – não sua determinação e especificidade geográfica, mas sua existência simbólica –, como “depositário das lembranças do passado”.

O romance *Nhô Guimarães*, de Aleilton Fonseca, é uma obra literária que aborda essa configuração de sertão, de sertão como lugar da memória. Sua narradora e protagonista é uma memorialista sem nome, ao mesmo tempo individualizada pela sua própria história de vida e socializada pelos temas coletivos de suas narrativas. Por meio das memórias de uma velha sertaneja, o escritor reconstrói uma vida e, ao fazer isso, traz aspectos particulares e gerais de uma comunidade, numa narrativa sempre pontuada pela presença ilustre de Nhô Guimarães. Partindo de registros sobre as viagens de Guimarães Rosa pelo sertão, o autor ficcionaliza esses registros e os apresenta em meio às recordações de uma velha senhora, numa prosa bem ao estilo roseano, no aconchego de uma humilde casa sertaneja, ao sabor da água fresca “do pote de barro” e do café coado na hora.

A narrativa remete às tradições da oralidade, dos “causos”, das histórias contadas que fazem o ouvinte viajar na imaginação. Para Arruda, a importância da história oral está na possibilidade de se registrar narrativas que não poderiam ser acessadas de outra forma, sendo que o mais precioso e singular das histórias orais é a subjetividade, que conta mais sobre significados do que sobre eventos. E mesmo que não se tenha certeza do fato, existe a certeza do texto. Ou seja, o fato pode não ter ocorrido daquela maneira, “mas está contado de modo verdadeiro” (Portelli *apud* Arruda 2000: 39).

As memórias da velha senhora são o fio condutor da narrativa. *Nhô Guimarães* não é uma narrativa linear de uma história de vida, mas uma história de vida intercalada das histórias de outras vidas, entrecruzadas nas veredas do viver, do lembrar, do rememorar.

A memória é o diálogo que se estabelece entre o plano da recordação e a vida presente. A memória é o lugar onde se guarda o vivenciado, o visto, o ouvido, reminiscências de percepções e experiências vividas ao longo da vida. Para Ecléa Bosi (2004: 68), “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a *sua* memória”.

E é assim, evocando suas recordações, que a narradora-protagonista de *Nhô Guimarães* tece sua prosa com um jovem cavaleiro desconhecido que aparece em sua casa. Inicialmente confundido com Nhô Guimarães, de quem a velha senhora aguarda uma última visita, o cavaleiro é convidado a apear-se e entrar, mesmo depois de desfeito o engano, bem ao modo hospitaleiro do sertão.

Apeie, chegue à frente, a casa é nossa. Entre, que lhe dou uns goles de água fresca. Venha ver que a melhor é essa do pote de barro, dos antigos, que ainda tenho. Aprecie. Estes caminhos andam numa poeira danada, essa secura, sem chuvas. Isto é o sertão (Fonseca 2006: 11).

Na nossa sociedade, a velhice é marginalizada e oprimida. No momento em que deixa de ser ativo, produtivo, o idoso passa a ser visto como estorvo e é submetido à degradação e ao banimento pela sociedade. Para a estudiosa Marilena Chauí (2004: 18),

A função social do velho é lembrar e aconselhar – *memini, moneo* – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. Sociedade que, diria Espinosa, “não merece o nome de Cidade, mas o de servidão e barbárie”, a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa.

Para Chauí, essa história oficial celebrativa “sufoca” as lembranças pessoais e grupais que são invadidas por uma outra história, aquela contada pelo vencedor. Aleilton Fonseca, ao dar voz a uma sertaneja octogenária, abrindo espaço para suas memórias, denuncia a prática social de marginalização do idoso e faz da sua obra espaço aberto para as vozes silenciadas e para a crítica a essa prática.

A velha senhora, repleta de suas lembranças, tem “precisão”, necessidade de contar. Beatriz Sarlo (2007: 10) afirma que, sendo a lembrança “soberana e incontrolável”, não lembrar é tão impossível como não sentir um cheiro, pois tanto a lembrança como o cheiro se impõem mesmo sem serem convocados.

Agora, pronto: tenho precisão de lhe contar a história mais comprida. Venha, se acomode. Quer mais um gole? Olhe, vou coar um café novo. O senhor é tão moderno, que benza Deus! Enquanto a água ferve vá me escutando. Não custa nada; só uns dedos de prosa. Como se fosse com ele, nos tempos bons. A-hã?... (Fonseca 2006: 12).

E contar é presentificar. Ao narrar suas memórias, a velha sertaneja presentifica o passado. Para Sarlo (2007: 10),

Poderíamos dizer que o passado *se faz presente*. E a lembrança precisa do presente porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bergson, o tempo *próprio* da lembrança é o presente: isto é, o único tempo *apropriado* para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o *próprio*. (Grifos da autora).

A memória, a partir do presente, chama a lembrança, busca o que não está mais presente, o que já não é, e o traz de volta reconfigurado em presença discursiva. Sendo a memória “afetiva e mágica, abriga apenas aqueles fatos que nela se encaixam” (Nora 1993: 19). E a narradora de *Nhô Guimarães*, descortina para o seu jovem ouvinte as suas lembranças afetivas, que envolvem desde seu marido Manu, vaqueiro corajoso que curou Nhô Guimarães de quebranto e o ensinou a usar ervas medicinais, seu filho único desaparecido que saiu de casa há muitos anos para viver na cidade e de quem ela não tem mais notícias, até a convivência com Nhô Guimarães, da qual muito se orgulha.

A velha senhora fala com pesar sobre um chapéu que gostaria de ter como recordação de Nhô Guimarães, mas que não teve coragem suficiente para pedir ao ilustre visitante.

O doutor tinha um quê e outros, uns porquês de gente de distintas sabedorias. Largas prosas, ele anotava, de repente, uns traços nos papéis que trazia na algibeira, no gibão de couro fornido, essas outras coisas. Ah, o senhor me deixe! O que eu queria mesmo era um chapéu daquele de lembrança. Eu colocava ali no alto, na minha parede. Não ficava nos jeitos? Tive vontade, mas não quis lhe pedir, até hoje me arrependo. Queria essa marca de suas visitas em meu rancho caiado. Quando eu dissesse: Nhô Guimarães passou por aqui, logo ia mostrar a prova certa. Mas... (Fonseca 2006: 41).

Para Ecléa Bosi (2004: 441), os objetos que cercam e acompanham uma pessoa ao longo da vida tem valor inestimável na velhice, por representar, concretizar uma época, um passado, momentos importantes. Segundo a estudiosa, “são estes os objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com seu possuidor e se incorporam à sua vida”. Estes objetos dão ao seu dono uma “pacífica impressão de continuidade.”

Mais uma vez apontando para uma outra forma de discriminação do idoso – a condenação à inatividade – Aleilton Fonseca apresenta no seu romance uma idosa ativa, capaz, com elevada auto-estima, que ainda está engajada em atividades e causas que dão significado aos seus dias.

O senhor veja: estou na casa dos oitenta. Nessa idade, vou vivendo, sem passar precisão. Nas terras ao redor, pouquinhos, porém dadas, planto e colho de um tudo o pouco que preciso para o meu sustento. Crio meus bichos, as galinhas aqui ciscando, de manhã chamo: ti... ti... ti..., elas vêm na carreira, cevo com milho que eu mesma debulho e piso no pilão. [...]  
O senhor veja: sou uma velha apumada, vivo em paz no meu sossego. Sei me cuidar (Fonseca 2006: 51).

Mesmo o simples lembrar, recordar constitui-se em atividade, já que rememorar exige elaboração mental, reflexão em torno da evocação, sem a qual a lembrança evocada seria apenas uma imagem fugidia entre tantas outras sem grandes significados. Bosi, com base em estudos de Maurice Halbwachs, diz que há uma diferença entre a evocação do adulto ativo e a das pessoas idosas. Enquanto o adulto não se ocupa sempre com o passado, com as lembranças, fazendo-o apenas em momentos de repouso e relaxamento, o idoso ao lembrar o passado “não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma de sua vida” (BOSI, 2004: 60). Para Bosi, a pessoa que lembra tem consciência de que está realizando uma tarefa e “essa tarefa é um auto-aperfeiçoamento, uma reconquista” (ibid). A narradora-protagonista do romance de Aleilton Fonseca ainda é muito ativa, realiza suas tarefas cotidianas, “sabe se cuidar”. Entretanto, se sente feliz por dispor de mais tempo para dedicar às lembranças e às prosas. Para ela, esse momento de sua vida em que pode descansar e prostrar é um merecimento.

Hoje o senhor me vê assim sozinha, cumpri meu percurso. Vivi muitos anos casada; cuidei de casa, filho e marido, plantios e criações. Eu tratava

de tudo, assumi os cuidados; uma trabalhadeira pela vida afora. Sou feliz de saber muitas coisas: conheci muita gente, aprendi a vida. Agora, estou a descanso e prosa. Pois, não mereço? (Fonseca 2006: 12).

E a narrativa segue numa grande diversidade de temas que variam conforme a vontade da narradora, que faz com que seu atencioso interlocutor ouça desde relatos íntimos sobre sua família, seu marido, seu filho e as visitas de Nhô Guimarães até fatos acontecidos no sertão, tanto aqueles que ela presenciou como aqueles sobre os quais ouviu falar. São histórias e causos os mais diversos. É peculiar a forma como a velha senhora inicia cada história, com uma introdução que indica o teor do que será narrado. Às vezes são exortações, outras advertências, ou ensinamentos que logo serão ilustrados pelo caso a ser contado.

No caso “Chica Homem”, por exemplo, ela faz a seguinte introdução:

Os grandes feitos pertencem somente aos homens? Não, senhor. Os homens levam e trazem suas histórias, gozando de seus proveitos. De um aos outros, eles se exaltam nos mínimos gestos de seus costumes e afazeres. E as mulheres? Saiba o senhor: sempre houve mulheres de altas grandezas; como é preciso também narrar. Nas guerras, nas labutas, nos surtos das piores mazelas; lá estavam as senhoras com coragem e astúcia, agindo nas precisões (Fonseca 2006: 30).

E assim ela segue com suas narrativas, sempre intercalando causos e histórias de outras pessoas com suas histórias e recordações pessoais. Ao narrar, socializa a memória por meio da linguagem. É uma memória povoada de muitas pessoas, de outras tantas histórias. Assim, as recordações da octogenária de *Nhô Guimarães* vêm permeadas de outros olhares, de outros pontos de vista. Ao lembrar, não vê apenas com seus próprios olhos, não sente apenas com seus sentimentos. Os pontos de vista, os sentimentos dos que viveram com ela o acontecido ou dos que lhe narraram o fato “tornam sua evocação múltipla” (Bosi 2004: 413). Os causos que narra vão se convertendo em pessoas, ganham rostos e nomes, se enchem de significado. Isso acontece porque as histórias por ela narradas estão inscritas na sua própria história, já que, como afirma Bosi (2004: 411), “por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador”. Afinal, os acontecimentos vivenciados, as histórias vividas e ouvidas, as recordações e lembranças constituem sua própria existência. Também para Nora (1993: 24), “a tarefa de recordar faz de cada um seu próprio historiador”.

Desobrigada do papel de esposa – pela morte do marido – e da função de mãe cuidadora – devido à partida do filho –, restam à octogenária os cuidados com o sítio e com suas memórias. O passado não é buscado com desespero e angústia, tampouco sua evocação é fuga do momento presente. Essa rememoração do passado não significa esquecimento do tempo presente nem uma forma de reviver o que passou, pois, de acordo com Chauí (2004: 20), “lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reparação do feito e do ido, não sua mera repetição”.

A octogenária do romance de Fonseca vive na expectativa do retorno do filho e de uma nova visita de Nhô Guimarães – embora tenha a intuição de que esta visita não se realizará. O presente para ela é tempo de esperança, pois “quem tem fé faz bom

proveito”. É uma mulher habitada pelo sertão. Recheada de lembranças e recordações, conta, entre tantos episódios pessoais, histórias de todos, histórias sertanejas.

O sertão é meu terreiro; e tudo que o vento traz. Certas coisas a gente aprende pelo viver, não carece de ensino. [...] Verdade é coisa que depende. Cada cabeça um conto. Eu fico presciente pelas diferenças e, quase de tudo eu sei. Viagens compridas não fiz. Não corri os Gerais. Quando muito, bispei pelos arredores, sem pressa e sem receios. A andanças longas os homens é que são chegados. Eu cá permaneço na escuta de todas as trilhas, nos rastros de um e de outro, confiro os possíveis de ser. Ouvi tropel de muitas boiadas. Sei dizer o sertão que lhe digo: sem viajar do meu terreiro.

O senhor sabe por quê?

O sertão vem a mim. Acredite: o sertão vem a mim, todo dia mais. As histórias vêm: aqui se arrancham, almoçam e jantam, bem fartas, tiram madornas na rede, de prosa comigo. O senhor compreende o meu dizer? Elas vêm a mim, guardo os fatos, aceito: protejo, velo, resguardo, no meu firmar. Tomo conta de um tesouro (Fonseca 2006: 15-6).

Para a velha senhora, viver no sertão, guardar suas histórias, proteger seus princípios é “tomar conta de um tesouro”, é tomar conta de um “lugar da memória”, como postula Gilmar Arruda (2000: 166):

Devido ao seu caráter ambíguo que, ao mesmo tempo, remete a realidades físicas concretas e a elementos simbólicos e culturais, podemos considerá-lo como um dos lugares da memória mencionado por Pierre Nora. Nesse sentido, as descrições e memórias de viagens realizadas por quem percorreu um espaço denominado sertão, podem ser tomadas como elementos de construção dos lugares da memória.

O elemento fornecido pela narradora de *Nhô Guimarães* para a constituição do sertão como um lugar da memória é a sua própria narrativa, que sabe “dizer o sertão”, é o “tesouro” guardado e socializado, são suas memórias, que se constituem em memória do sertão.

Em muitos momentos os causos e os acontecimentos passados são ensinamentos e orientações para o presente e o futuro. Sabedoria de uma gente simples que tira do próprio viver lições para a vida. É de um cabedal de conhecimentos, adquiridos através de vivências próprias ou exemplos alheios, que a velha sertaneja tira o ensinamento, o conselho, a sabedoria. E não perde a oportunidade de orientar e aconselhar seu jovem ouvinte:

Nhô Guimarães dizia: são tantas as histórias que correm o mundo que a gente nem pode contar. O senhor veja que umas ensinam o bom viver, como usufruir o que a vida tem de melhor. Outras são casos de coisas más, que também ensinam, pois mostram quais são os maus procedimentos (Fonseca 2006: 112).

Quando o senhor tiver um filho, conte a ele suas histórias, invente, acrescente, dê a ele as boas lições do passado e do futuro (Fonseca 2006: 118).

O senhor é fino, quieto, atencioso. Mas se passar um aperreio forte, uma contrariedade, consulte seus botões, e faça sempre o bem. Por exemplo, se alguém comete uma maledicência com sua pessoa, que fazer? (Fonseca 2006: 131).

Atravessando as veredas da memória, rompendo as barreiras do tempo, pegando atalhos em histórias e causos, a pessoa idosa assume a função de orientador, de conselheiro. O passado é evocado para direcionar o presente e a atenção do outro nesse processo é muito importante, pois a sensação de ser ouvido é agradável e o idoso sente-se valorizado. Bosi (2004: 82) diz que

O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância.

João Alexandre Barbosa (2004: 14), ao prefaciar o livro *Memória e sociedade*, de Ecléa Bosi, diz que

Fundada em Walter Benjamin, Ecléa Bosi sabe que “a memória é a faculdade épica *par excellence*”. Mas Benjamin vai ainda mais longe: “O narrador conta o que ele extrai da experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história”.

A memória dos velhos pode descortinar um mundo repleto de riquezas e diversidades desconhecido pelos mais jovens. A conversa com uma pessoa idosa que evoca suas lembranças é perpassada por nostalgia, alegrias, tristezas, revoltas, indignações que vão sendo entremeadas no desenrolar da trama narrativa. Para Bosi (2004: 82), é uma conversa “semelhante a uma obra de arte”.

Discutindo sobre o narrador, Ligia Chiappini Moraes Leite (1997: 6) salienta que “quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou. Por isso, NARRAÇÃO e FICÇÃO praticamente nascem juntas”. A narradora-protagonista de *Nhô Guimarães* trabalha sobre o caso a ser contado, lapida e esculpe a narrativa:

Conto a vida do meu jeito, gosto de causos compridos (Fonseca 2006: 28).

Quem proseia precisa imaginar, palavrear, distrair o parceiro. Isso é o certo, as novidades boas e compridas. A verdade é só o começo. O melhor mesmo da história é o capricho da prosa (Fonseca 2006: 40).

Esses retoques no narrado são típicos dos mais velhos que, sem pressa, com paciência, assumem o papel de contadores de histórias. Nas palavras de Valéry, o narrador é um “artesão que torna visível o que está *dentro* das coisas” (Valéry *apud* Bosi 2004: 90). E Bosi complementa dizendo que a pessoa idosa, quando narra suas memórias, o faz com grande talento por ter vivenciado, direta ou indiretamente, aquilo que está narrando.

O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira.

Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo.

Uma atmosfera sagrada circunda o narrador (Bosi 2004: 91).

E Fonseca não nega à sua narradora esse talento e, por isso, imerso numa narrativa bem construída, numa “prosa caprichada”, o ouvinte esquece de si mesmo, pouco interfere, evita fazer interrupções, penetra nas histórias, e “entre ouvinte e narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve ser reproduzido” (Bosi 2004: 90). E essa é uma relação que surge também entre leitor, autor e obra, quando esta é bem construída.

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão. Como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana (Bosi 2004: 90).

Aleilton Fonseca encerra o romance deixando no ar o começo de uma outra história, ou um recomeço, com a possibilidade de parentesco entre o jovem cavaleiro e a sertaneja octogenária (neto e avó, talvez). E com isso também mostra como as memórias se perpetuam de geração para geração. A memória das pessoas idosas, com suas recordações e lembranças, é uma obra pessoal que sobrevive e que, ao ser registrada, transcende o tempo real de vida da pessoa e perpetua não apenas a história de uma vida mas a cultura de uma sociedade numa determinada época. Com uma execução habilidosa, o autor de *Nhô Guimarães* centra o foco narrativo no sertão e escreve não só sobre as incursões de Guimarães Rosa pelos Gerais, mas, sempre apelando às recordações da sua narradora-personagem, escreve as memórias do sertão, produzindo uma obra que retrata a diversidade da paisagem humana sertaneja.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

BARBOSA, João Alexandre. Uma psicologia do oprimido. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Prefácio.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CASTELLO BRANCO, Lucia. *A traição de Penélope*. São Paulo: Annablume, 1994.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Apresentação.

FONSECA, Aleilton. *Nhô Guimarães*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1997.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: os lugares de memória. Trad. Patrícia Farias. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

---

**Artigo recebido em 27 de agosto de 2011 e aprovado em 25 de setembro 2011.**